

BRAINSTORM
INTERPRETAÇÃO E RESOLUÇÃO



Moisés Lopes da Silva

2023

i

PREFÁCIO

Este livro é resultado da tese doutoral do autor que pesquisou sobre os resultados das avaliações externas em relação a leitura interpretação de texto e resolução de problemas matemáticos. Ele pretende oferecer uma opção de leitura significativa e divertida com o fim de proporcionar reflexão sobre interpretação e realidade física dos modelos matemáticos fazendo um paralelo entre o mundo clássico e o mundo quântico. O enredo traz conceitos de lógica gramatical e matemática que perpassa pelas disciplinas de exatas e humanas. A linguística clássica dessas disciplinas impõe linguagem rígida fundamentada em notações científicas que é

característica da convenção a que estão sujeitas. A protagonista ciência tem como antagonista o cientificismo e a complicação acontece no conflito entre os espaços do micromundo da física quântica e do macromundo da física clássica. A leitura é agradável e não subestima a inteligência do público-alvo e vale-se de referências dos intertextos utilizados (Figura). Trata-se, portanto, de um livro voltado para dar suporte aos alunos dos professores de física com ênfase na resolução de problemas matemáticos e de português com ênfase na leitura e interpretação de texto.

O Autor

ÍNDICE

O DESAFIO DA FÍSICA NA NARRATIVA	1
O QUE QUEREM O ARQUEIRO, ARQUÉTIPO E HERMES?.....	15
HERMES E O PODER DA HERMENÊUTICA.....	25
LACRAÇÃO E SOFISMAS DE HERMES.....	35
FUNÇÕES QUÂNTICAS DA LINGUAGEM	39
O DESCONFORTO DA INCERTEZA	45
ELETRONS NA CAMADA MARXISTA.....	53
ESPECTRO, IDENTIDADE E A LUTA CONTINUA.....	59
A INTENSIDADE MUDA AS PROBABILIDADES	66
POSSÍVEL E IMPOSSÍVEL NA PRÁTICA.....	70
FUSÃO E FISSÃO APENAS NA INTENÇÃO	75
HARBÍTRIO E PROBABILIDADES QUÂNTICAS	80
REFERENCIAS	87

BRAINSTORM
INTERPRETAÇÃO E RESOLUÇÃO

O DESAFIO DA FÍSICA NA NARRATIVA

Um momento sinistro com nevoeiro denso, frio intenso, umidade que fazia a relva subir acima da vegetação sobrevivente da geada da noite que tornava a nevoa em esperança de temperatura desejável que como neblina pulverizava o ar desfazendo a solidez do gelo que resistia nos para-brisas dos carros com muita dificuldade de ignição. Um arqueiro sobre um monte ora aparente, ora místico em meio ao nevoeiro como a um arquétipo quântico de possibilidades clássicas e, por isso não rejeitado pela ciência do mundo macro, no mundo em que tudo tem explicação lógica. A possibilidade da observação, construção e

reprodução de modelos de forma empírica e inquestionável são as únicas exigências e possibilidades clássicas que autenticam o que é ciência de verdade. Ela reconhece, portanto, somente aquilo que se pode observar.

O nome do arqueiro misterioso não era observável, então daremos nomes apenas aos resultados observados nos anteparos que se transforma no macromundo clássico e das partículas e ondas que são causadas pela magia de suas flechas.

O desejo de compreensão daquilo que se percebe sem lógica que satisfaça padrões, métodos, modelos, fórmulas... a ciência como se pode observar e, portanto, humildes, modestos, benevolentes no mundo clássico

torna-se insolente, cansativo, estressante no micromundo, contudo, jamais deixa de conceder o benefício da dúvida.

As flechas do arqueiro misterioso possuíam o poder quântico da transformação quando observadas numa energia luminosa chamada de fóton produzida pela movimentação entre camadas dos elétrons estimulada pela magia das flechas do Arqueiro misterioso. Eles mudavam de camadas, mas não lhes era permitido permanecer lá, pois tinham a responsabilidade de proteger a identidade do átomo que por sua vez compunha a molécula com dimensões mais próximas das observações feitas pelo mundo

clássico e, portanto, de natureza mais benevolente.

A magia daquelas flechas mágicas formavam um portal através do qual e na medida do possível os mundo se comunicavam, no entanto, as manifestações das partículas e ondas que eram, mais especificamente, as pontas das flechas do Arqueiro vindas do micromundo quântico se transformam em fenômenos quando observadas pelo macromundo clássico como, por exemplo, o vento cuja causa não é observável senão através de modelos matemáticos, contudo, os seus efeitos são percebidos e conduzidos para servirem como escravos no macromundo clássico, como por exemplo nas velas das

embarcações que as utilizam, mas assim como as partículas e fótons, o vento é observável apenas em anteparos ou naquilo que eles iluminam ou movimentam.

O modelo clássico apresenta essa magia como uma convecção produzida por massas de ar que se deslocam devido a diferença nas suas temperaturas, assim a magia vai sendo desvendada no soberbo mundo clássico, o ar quente tende a subir deslocando o ar frio e formando a convecção que é o vento, mas nada neste processo é observável também.

E assim, as flechas mágicas do arqueiro misterioso elas criam, não apenas o portal para o mundo quântico, mas o próprio micromundo que não aceita a interferência de observações,

nem visível, nem audível, nem tátil, nem olfativa e nem degustativa, contudo, apesar de guardarem características quânticas pela magia das flechas a luz não pode produzir som quando encontra resistência, o vento já possui esse poder, portanto, o som, é uma magia que tem efeitos próprios cujas propriedades são inobserváveis para os humanos, alguns efeitos como movimentação das velas e som são observáveis através da visão e da audição.

É a esses efeitos que os humanos chamam de vento, classificando até sua intensidade, como por exemplo, brisa, vento e ventania, portanto, uma passagem que o micromundo faz pelo portal mágico para servir aos humanos no macromundo onde vivem.

A audição não causa interferência no som simplesmente porque ele é um efeito do macromundo clássico causado no micromundo quântico, porém a teoria quântica explica a magia da movimentação das partículas e ondas quando observadas por humanos como uma interferência causada por ondas emitidas pelo olhar.

A partir de uma teoria assim pode-se criar um modelo matemático e, portanto uma realidade modulada, arquetípica ou interpretada com utilidades específicas até onde a criatividade dos humanos permitir. Contudo, a base dessa utilidade sempre será formada a partir das probabilidades vindas do

mundo quântico interpretadas através da realidade do macromundo clássico.

Portanto, as partículas e ondas não podem atravessar o portal do entendimento empírico ou seja, da observação científica para que se possa testar, mas podem sugerir probabilidades para modelos matemáticos que representem esses valores para que possam ser transformados em efeitos no macromundo da física clássica.

Assim, dependemos sempre de muito *brainstorm* para que no mínimo aconteça uma reflexão que possa construir um pensamento criativo que é uma das cinco mentes do futuro de Gardner, (2005) que nos impulsiona para a evolução do pensamento humano.

Um cuidado misterioso para com os habitantes do macromundo clássico faz a ave Fênix ressurgir das cinzas com a possibilidade de uma voz produzida por um Designer inteligente que torna os humanos em anteparos da tal audição misteriosa ao mesmo tempo que são agraciados com frescor da intensidade modulada para temperatura mais amena.

Os físicos adeptos do paradigma positivista de Comte (Altmicks, 2014), onde a lógica possui todas as coisas nos mundos macroscópico e microscópico questionam a realidade de qualquer coisa que não possam observar e, por isso, ficam confusos com os

efeitos das flechas mágicas do arqueiro misterioso.

A física quântica desafiava Comte não apenas no paradigma da complexidade humana que Morin exploraria décadas a frente (Altmicks, 2014), mas, também, no próprio paradigma positivista que podia observar resultados cujas causas eram tão insignificantes que a própria significância da inteligência humana as modificavam e, com isso, dava-se uma explicação clássica para o mundo quântico.

Aceitar a verossimilhança de uma narrativa ofendia a lógica positivista que preparou-se para a batalha com fortalezas chamadas de escolas, mais ao perceberem que lutar contra efeitos cujas causas não podia se

observar era impossível e, por isso uma guerra perdida desde o seu princípio.

Os inimigos se posicionavam “ora de um lado, ora de outro” sem nenhuma possibilidade de observar a sua movimentação, mas apenas suas posições modificadas e a lógica que comandava os métodos positivistas nas fortalezas dos clássicos gerais se resumiam a simples probabilidades.

O que se observava era o que de fato estava a disposição da observação, ou seria algo construído pela imaginação de quem observava? Poderia haver uma construção de lógica psicomotora onde as sensações trariam à tona sentimentos que causam emoções que, por sua vez, orientam a dimensão afetiva para

que, posteriormente, ela possa controlar as dimensões cognitivas e/ou inteligência e motoras através da qual se devolveia ao mundo empírico uma realidade arquetípica junguiana (Silva & Durão, 2021)? Ou seja, uma realidade que existe apenas na imaginação dos humanos e que pode formar bloqueios materializando-se em dificuldades de interpretação e resolução de problemas.

Esta guerra fria dura anos, as fortalezas se protegem e se fecham cada vez mais no macromundo clássico de forma que definem o seu próprio conceito de ciência, a ciência da física clássica, rejeitando ciência quântica que chegam a classificar de cientificismo quântico em oposição a ciência clássica.

A redundância ou a repetição ora são magias das flechas do Arqueiro misterioso, ora são maldição dos dardos inflamados de Arquétipo cujo poder é distorcer a realidade e de Hermes cujo poder é a retórica de sua hermenêutica, antagonistas desta história, fazem memorizar informações importantes para a vida ou fixar paradigmas relevantes para a morte.

Assim a ausência de algo que justificasse a indigesta magia das flechas do arqueiro misterioso para Arquétipo e Hermes, sugeria que elas estivessem, também, na ausência e a ausência, por sua vez, estivesse nelas. Isso criaria logo um paradigma, o paradigma de ausência que passe a estabelecer um conceito

de presença que se apresente na onipresença dos resultados observados que ora se apresentam como partículas, ora como ondas sugerindo dualidade tanto nas partículas quanto nas ondas ou onipresença tanto da partícula quanto da onda e este poder era a própria magia das flechas do Arqueiro misterioso.

O QUE QUEREM O ARQUEIRO, ARQUÉTIPO E HERMES?

A observação de causas e processos inexistentes denunciam, no mínimo, a interferência do mundo clássico no mundo quântico e, no máximo, a incapacidade que a lógica positivista clássica tem de controlar as causas do micromundo quântico. Assim os cidadãos clássicos não fizeram caso de sua incapacidade de observar e creram que estava tudo lá em algum lugar, afinal substantivos genéricos, conjugações indeterminadas e artigos indefinidos sempre causam interjeições criativas e a criação mais original do mundo clássico foi proibir perguntas e comentários

constrangedores referente ao micromundo quântico.

O Arqueiro misterioso criava do nada flechas mágicas que prometiam de forma inobservável proteger o macromundo clássico das dificuldades que a dualidade quântica representada “ora lá, ora cá”, ora de um lado ora de outro”, pode trazer aos hábitos humanos, uma metafísica do costume (Kant, 2007) que conduz com tempo suficiente de opinião indutiva para que se construa argumentação que fundamente aceitação de paradigmas de realidade verdadeira que, por sua vez, estabelece como verdadeiro uma dificuldade que não existe de fato pois tudo foi construído encima de probabilidades quânticas.

Tais modelos atravessam o portal dos mundo para buscar causas probabilísticas e trazer modelos arquetípicos e interpretativos de uma realidade não observável e, portanto, sempre uma opinião e nunca um argumento (Barbosa, 2006), o fato e a suposição, o possível e o impossível, a verdade e a mentira, finalmente, tudo passa a ser relativo para que haja lógica na probabilidade, lógica que apenas a verdade da razão pura poderia refutar, mas tal sugestão pode fazer ressurgir das cinzas a ave Fênix e criar dificuldades para a ciência do macromundo clássico, portanto, dos males, o menor que tais dificuldades se materializem como bloqueios na mente dos humanos, os trouxas na narrativa de Herry Poter (Rowling,

2000). Trazer lampejos de reflexão para iniciar um processo reflexivo necessitaria de muito *brainstorm*.

A ave Fênix sugere sempre um designer inteligente, o Arqueiro misterioso percebido de alguma forma pelos humanos, mas não observável e, por isso, sempre rejeitado pela física clássica.

A magia das flechas do Arqueiro misterioso observada nos resultados por ela produzidos provocava um *brainstorm* que trazia àqueles lampejos de reflexão à mente dos humanos produzindo uma possibilidade de compreensão da realidade não interpretada por Hermes e nem demonstrada por Arquétipo foi proibida no macromundo clássico para que

o inexplicável não se torne em constrangimento e, conseqüentemente, em dificuldade de interpretação dos humanos que poderiam classificar as realidades e perceber mais do que é viável a ausência de questionamentos.

Assim, o Arqueiro misterioso se apresenta sem ser convidado e protagoniza a convicção de fatos que não se veem no micromundo quântico, mas se percebe no macromundo clássico de que tudo o que se vê foi visto com a certeza de que se viu com a indignação de que nada de fato foi visto dando a plena convicção de que não existe no macromundo clássico metafísica que faça ressurgir Fênix assim como convicção plena de que existe no micromundo quântico, no mínimo, a possibilidade da

existência de algo que não se pode explicar fazendo com que o Designer inteligente renascesse das cinzas ainda que muito se tentasse ignorá-lo e até mesmo impor silêncio àquilo que não se pode explicar sem correr o risco de provar a existência de uma inteligência que não fosse clássica.

As flechas mágicas do arqueiro misterioso cruzam o céu dando poder ao sol do durante o dia e as estrelas durante a noite proporcionando aos humanos possibilidades de observação constante de resultados quânticos bastando, para isso, olhar para cima.

O céu se transforma em narrativa cujo enredo é composto pelas muitas vozes conforme descritas no romance de Dostoievski

(Bakthin, 1997), a voz do micromundo é materializada na percepção do macromundo fazendo ressurgir Fênix.

Assim os antagonistas, também misteriosos, mas observáveis por não pertencerem ao micromundo quântico, eram criação do mundo quântico no clássico e, portanto, sem poderes quânticos justamente por terem sido criados.

Os humanos complexos eram induzidos a acreditarem controlar os efeitos quânticos no mundo clássico, mas Fênix sempre ressurgia das cinzas quando a impossibilidade de observação clássica fazia surgir a possibilidade através da magia das flechas do Arqueiro misterioso de que a existência do Designer

inteligente poderia ser uma realidade ainda que impossível de ser observada.

Assim os humanos passavam a ser quantificados enquanto mantinham Fênix viva refletido na inteligência do designer manifestado através da metafísica contida na física quântica. O cuidado dispensado ao macromundo clássico a partir do micromundo quântico, ainda que não fosse percebido a movimentação de suas partículas, embora estivessem onipresentes nos resultados observados era algo que Arquétipico não conseguia combater.

O Arqueiro misterioso evidencia-se ressurgindo sempre das cinzas como a Ave Fênix por toda a história dos humanos, não

apenas como onipresente, mas, também, como onisciente e onipotente, e isso pra falarmos apenas dos atributos e não de sua natureza justa que se apresenta sem necessidade de autorização de ciência positivista clássica, pois, constatações científicas são apenas, como diz o próprio nome, constatações daquilo que se pode constatar.

O Arqueiro misterioso sempre atirava suas flechas mágicas na mesma direção, para cima, pois o objetivo não era acertar alvos, mas apenas proporcionar uma possibilidade aos humanos de escolher olhar para elas.

O poder da reflexão contido na magia das flechas levava sempre a uma interpretação perigosa para o Arquétipo, pois fazia Fênix

ressurgir das cinzas materializando a existência do Designer inteligente. A interferência causada pela observação do processo quântico confundia os resultados, mas traz aos observadores não apenas possibilidades de escolhas o que não acontece na observação dos modelos da física clássica, mas, também, probabilidades de acertos.

HERMES E O PODER DA HERMENÊUTICA

Arquétipo e Hermes, o deus grego com sua hermenêutica invadiram o mundo das muitas vozes de Dostoievsky (Bakthin, 1997) onde existe uma quântica cujas as causas também não são observáveis e as retóricas são sempre manipuláveis, contudo, a comunicação exige uma lógica clássica entre locutor e interlocutor, entre aquele que fala e aquele que ouve, entre aquele que entende o que está falando e àquele que entende o que está ouvindo, não fosse a hermenêutica.

O Arqueiro misterioso transforma a magia de suas flechas produzindo efeito de estrutura linguística no pensamento dos humanos com o

poder da sintaxe que estabelece a lógica dos termos da oração com pacotes do mundo quântico através da competência linguística do falante (Chomsky, 1968) naquilo que transita e/ou não transita nesta competência em relação às ações ou verbos. Trata-se do segundo pacote da sintaxe como, por exemplo, se os humanos choram ou sorriem, o chorar ou sorrir não são verbos que transitam ou se movimentam na mente deles, logo os humanos apenas choram ou sorriem e ponto final, mas se os humanos observam, observar é um verbo que transita e/ou se movimenta no pensamento daqueles que se comunicam, logo torna-se necessário saber o que é que se observa, ou seja, algo tem que complementar a

ação (verbo). Hermes com sua retórica lançou dardos com o poder de parar o pensamento humano quando deveriam estar se movimentando e de movimentá-los quando deveriam estar parados, ou seja de transitivar o que não estava em trânsito e de intransitivar o que estava em trânsito ou movimento fazendo travar o pensamento dos humanos como, por exemplo, se os humanos choram ou sorriem, o poder dos dardos do Arquétipo podem fazê-los chorar um choro ou sorrir um sorriso considerando que a repetição é uma ferramenta poderosa na retórica da interpretação de Hermes, mas se os humanos refletem, com o poder dos dardos de Arquétipo eles simplesmente refletem e ponto final, não

precisam ter um objeto de reflexão e, conseqüentemente chegarem a alguma conclusão. Uma poderosa condição para aceitar as retóricas de Hermes.

O poderoso dardo da hermenêutica ou interpretação faz com que a observação da fala do locutor pelo interlocutor faça com que este último modifique os resultados do significado de fala do primeiro. Isso torna o mundo da comunicação em um mundo quântico, onde os pacotes podem já estar quantificados na mente do interlocutor. O poder do dardo inflamado de Arquétipo fará com que o interlocutor perceba através da observação dos resultados das ações do locutor exatamente o que Hermes sugeriu

em sua retórica fazendo com que a comunicação sofra danos irreparáveis.

O Arqueiro misterioso continua acendendo as constelações no micromundo quântico com a magia de suas flechas dando causa à reflexão para que as comunicações danificadas por Arquétipo e Hermes se reestabeleçam.

Quando o Arquétipo se une a Hermes os dardos lançados ganham forças descomunais e ficam muito mais incandescentes, chegando ao ponto de ofuscar até o brilho das constelações que a magia das flechas do Arqueiro misterioso fez iluminar todo um espaço sideral.

A sintaxe que estabelece que o primeiro termo da oração é o que faz a ação, o segundo

a própria ação e o terceiro um simples complemento da oração quando o verbo transita até este tal complemento que será sempre verbal porque será um verbo que ele completará não consegue dar significado que exclua a arbitrariedade da hermenêutica de Hermes confirmada na observação da realidade arquetípica de Arquétipo. Uma conversa poderia facilmente se proteger dos dardos inflamados de Hermes e Arquétipo não fosse a dimensão das figuras de linguagem do locutor e das figuras de pensamento do interlocutor como, por exemplo, a sinestesia é um dos dardos de Hermes que tem o poder de causar efeitos no sentido que pode estabelecer realidades arquetípicas como verdades

absolutas na reflexão do interlocutor, o eufemismo é outro dardo de Hermes que tem o poder de colocar significados ruins em sintaxes boas etc.

As flechas do Arqueiro misterioso tem o poder de ascender e fazer incandescer as constelações na reflexão de quem recebe a informação, seja através de qual sentido for, e estabelecer a comunicação sem interpretações erradas ou reestabelecer uma comunicação avariada pelos dardos de Hermes e Arquétipo.

Os humanos também possuem poder, o poder de escolha chamado de livre-arbítrio. Eles podem escolher observar a magia das flechas nas constelações ou a realidade

arquetípica nos dardos inflamados trazendo causa as suas reflexões para efeito provável.

Arquétipo, Hermes e humanos possuem armas poderosas, tudo depende, exclusivamente, do uso que cada um faz delas no mundo em que vivem. Quanto ao Arqueiro misterioso, ele não pertence ao macromundo clássico, é apenas a substância que lhe traz a vida. Os primeiros têm sua realidade consubstanciada pelo segundo, mas o contrário não é verdadeiro. O macromundo com sua física clássica, positivista cria sua própria realidade arquetípica nos modelos que representam a realidade que não se pode observar impedindo interpretações significativas que democráticas e

emancipatórias que espeitem as diferenças de fases de compreensão da realidade, de extratos sociais e geográficas diminuindo as dificuldades de interpretação do mundo em que vivem e de resolução de problemas que são oportunidades de crescimento cognitivo.

A rigidez da convenção que exige modelos dentro de protocolos próprios para que tudo esteja claro a este poderes que controlam e determinam o que é ciência apenas para desprezar e criar dificuldades àquilo que não podem controlar que é a complexidade dos humanos faz destes humanos escravos de procedimentos, protocolos e modelos que impedem a potencialidade de sua própria humanidade.

Podemos escolher acreditar no potencial humano para interpretar e resolver problemas e assim facilitar a compreensão de que realidades representadas são simples linguagens interpretadas para modelos que tem como fim ser útil aos humanos de forma específica. Dificilmente alguém escolheria aquilo que não acredita, porém nossas escolhas também causam resultados observáveis para as aqueles que nos observam. A nossa ascensão no macromundo clássico depende dos resultados das ondas que emitimos modificadas pelas observações.

LACRAÇÃO E SOFISMAS DE HERMES

O discurso do Arqueiro misterioso era silencioso, embora gritasse através da magnitude das constelações que obedeciam leis físicas que se eram clássicas na forma e na rota sempre imutáveis ou se eram quânticas na luz que ofuscava a compreensão de Arquétipo e de Hermes tanto de uma como de outra era sempre dissuadido com lacração através de opiniões falaciosas evidenciadas no argumento paradigmático na mística-arquetípica dos dardos inflamados lançados por Arquétipo e potencializados pela hermenêutica de Hermes cujos discursos eram sempre: “não olhem para cima”.

Um tal performatividade ou performance sugerida nos discursos não roubavam a liberdade de escolha de seus observadores, embora a retórica de Hermes se valesse de muitas figuras para enriquecer sua interpretação do que era observável por todos. O eufemismo era um dardo muito especial de Hermes que tornava ridículo e desnecessário tanto brilho e tantas formas nas constelações com linguagem muito emotiva e muito bem fruída na poesia de discurso que maravilhava seus ouvintes mais atentos. A hipérbole era outro de seus dardos que roubava movimentos quase involuntários para dar maior ênfase ao extremo proposto, também, como desnecessário. Hermes tinha, ainda, o poder de

reunir estes e outros dardos para formar um único dardo chamado de sofisma para lacrar o discurso do Arqueiro misterioso que parecia não se importar muito com essa lacração. Chegava a ser irritante aos deuses e aos seus adeptos fiéis à performatividade socializada essa tal indiferença contagiando os antissociais que insistiam em olhar para cima admirados de que?

A comunicação universal estava à disposição de todo àquele que tinha seus motivos para olhar na direção que desejasse e hermenêutica bondosamente provida como um dom de Hermes para interpretar as figuras de sua linguagem sempre adequadas ao que se escolhia e assim a leitura e a interpretação de

textos passaram a ter um sabor de originalidade do leitor ainda que distanciada da intenção do escritor que só queria vender livros.

FUNÇÕES QUÂNTICAS DA LINGUAGEM

As flechas do Arqueiro misterioso guardava poderes que se transformavam em funções quânticas que eram efeitos observáveis e que também, poderiam ser modificados com a observação. Entre elas estavam as funções da linguagem.

A primeira função era a fática e tinha o poder de garantir que a magia chegasse aos humanos assim como um youtuber garante que sua mensagem chegue ao seu público cuidando bem do seu canal. A segunda função era a metalinguística que tinha o poder de cuidar de palavras que poderiam não ser compreendidas

pelo seu público como, por exemplo, as notações científicas. A terceira função era a denotativa ou referencial que tinha o poder de perceber a realidade mesmo através do engodo interpretativo e retórico de Hermes e Arquétipo. A quarta função era a conativa ou apelativa que tinha o poder de chegar ao coração dos humanos e fazê-lo sentir sua importância e valor. A quinta função era a poética que tinha o poder de potencializar a magia das flechas fazendo brilhar as constelações com muito maior intensidade quando observadas.

Era justamente essas funções os principais alvos dos dardos inflamados de Hermes e Arquétipo, pois o que os humanos ouvem e

veem seja através de texto falado ou escrito compõe a intenção que interpretam da mensagem que recebem. Estes dardos somados aos dardos dos efeitos e sentido e de pensamento têm o poder formatar uma mensagem até modificá-la completamente ou torná-la incompreensível para quem ouve ou para quem lê.

O Arqueiro misterioso tinha na magia de suas flechas o antídoto para garantir a integridade da mensagem preservando as funções da linguagem. Ele as lançava em cada uma das funções e dos sentidos e os faziam brilhar nos significados de interpretações protegidas dos dardos inflamados de Hermes e Arquétipo ou, na impossibilidade de que os

dardos atingissem aos humanos, ele fazia brilhar as constelações e os motivavam a olharem para cima afim de que uma reflexão sobre as funções e os sentidos da mensagem pudesse acontecer.

Se os humanos escolhiam olhar para cima evidenciava-se o Designer inteligente através das constelações que os ajudava a escolher observar a vida através dos resultados mágicos do micromundo quântico e isso fazia toda a diferença na interpretação das coisas que faziam valer a pena viver, mas se eles escolhessem acreditar num macromundo clássico cuja causa estava nele mesmo e, portanto, tudo era casualidade evolutiva, as constelações se transformavam em ladrilhos

clássicos onde se de um lado era branco o outro tinha que ser preto e vice-versa (Vieira, 1984).

Muitos protagonistas de enredos fascinantes não vieram do micromundo quântico, mas foram forjados no macromundo clássico assim como os antagonistas; a escolha que fazem os torna uma coisa ou outra, contudo, o Arqueiro misterioso é do micromundo quântico e, por isso a magia de suas flechas são os efeitos observáveis que sustenta toda a física clássica. Os humanos podem ver a luz ou energia luminosa, mas não podem ver o fóton que a produz, podem sentir o vento, mas não podem ver a convecção que as diferentes temperaturas fazem nas massas de ar, podem ouvir o som, mas não podem ver

as ondas que os formam, podem não poder evitar os dardos inflamados de Arquétipo e Hermes, mas podem escolher olhar para cima.

O DESCONFORTO DA INCERTEZA

Os humanos não podiam desfrutar da inocência cuja falta de conhecimento a transforma em paz inerte e alegria tola, que não faz caso se a piada foi ou não entendida, apenas uma felicidade sem nada que lhe desse um fim além de motivo de estarem sempre cheios de vontade de viverem sorrindo. O conhecimento objetivo do macromundo traz certezas cada vez mais robustas da evolução da espécie que nada evolui para observar e entender o micromundo quântico que os compõe sem nada deixar de fora.

A magia e o poder das flechas do Arqueiro misterioso abre a possibilidade para os humanos escolherem não fundamentarem suas observações nos resultados niilistas obtidos na casualidade do macromundo clássico positivista que Arquétipo reproduz e Hermes interpreta como sendo nêutrons que mudam de camadas casualmente e, portanto, sem energia para liberar e nem motivação para retornar modificando assim a identidade do átomo.

A magia luminosa das flechas do Arqueiro misterioso vem da onda emitida pelo fóton do micromundo quântico que apresenta relação ainda não observável quanto a sua energia quântica trazendo luz aos humanos que não ofusca e temperatura que os aquece sem

danificá-los era agora sabida ser proporcional a sua frequência, que por sua vez, nada mais é do que sua altura, uma crista observável através de modelos matemáticos que apenas representam essa onda, nunca saberemos de fato sua forma ou estrutura, pois essa representação clássica pode ser modulada e, portanto, interpretada por Hermes e apresentada como uma realidade arquetípica por Arquétipo aos humanos. Contudo, a relação entre frequência e amplitude não é possível modular nas dimensões desse modelo porque os resultados de frequência e amplitude da onda pode ser observado somente assim, se aumenta um, aumenta o outro e vice-versa.

Arquétipo foi sugerindo como realidade os arquétipos apenas representados por modelos para a resolução de problemas matemáticos confundindo a realidade não observável quântica com a realidade observável clássica e, por isso mesmo, dependente de modelos matemáticos para uma representação e posterior aplicação prática no macromundo clássico.

O maior poder dos dardos de Hermes e Arquétipo, portanto, é a pseudologia fantástica ou capacidade que se tem de crer nas próprias mentiras. Os modelos matemáticos produzem apenas representações e não realidades, eles podem provar apenas uma realidade arquetípica interpretativa probabilística dos

efeitos, mas não a realidade das causas e isso nunca vão te contar por pura soberba.

O poder do Arqueiro misterioso representado nas constelações fazem Fênix ressurgir das cinzas apresentando a necessidade de designer inteligente que não se limita ao ladrilhar (Vieira, 1984).

Arquétipo e Hermes se constituíram como representação única do micromundo quântico para o macromundo clássico inspirando-se nos nêutrons que buscavam camadas superiores quando estimulados para fundamentar as lutas de classe marxistas entre os homens que se maravilharam com a proposta a ponto de lutar pelo que nunca compreenderam de fato.

Se a conquista cognitiva do homem agora é lutar por um mundo cheio das possibilidades da alcova de Sades onde a ciência da vida é cultivar a própria morte para a evolução de vidas que teriam sempre o mesmo fim, então esta morte poderia ser ao menos por uma causa nobre.

Um elétron mudando de órbita sem energia para liberar e produzir fóton, mas prestativo aos olhos de quem se presta sabe-se lá o que e, portanto, impossível no micromundo do Arquero misterioso, mas soberbamente provável na realidade arquetípica de Arquétipo e na hermenêutica de Hermes que se tornaram colunas do saber socializado no macromundo clássico, pois os modelos matemáticos

cientificistas foram estabelecendo a própria impossibilidade de se observar qualquer coisa ao ponto de um olhar estrábico ser consagrado como visão abundante no macromundo clássico.

Assim, as postulações científicas se valeram da imposição do argumento estranho à provas, fatos ou evidências e passou a ter a autoridade dos modelos matemáticos e interpretativos clássicos mudando o objetivo da ciência que deixou de esclarecer, explicar, provar, evidenciar, mas, apenas firmar, confirmar e impor com a força da autoridade do argumento dos modelos clássicos qualquer possibilidade de designer inteligente que renascesse com a ave Fênix, transformando-a

na a grande heresia do mundo de Sade onde nada renasce, nem mesmo a esperança.

ELETRONS NA CAMADA MARXISTA

A luz para a física clássica na hermenêutica de Hermes e na realidade arquetípica de Arquétipo está mais ligada à probabilidade de modelos matemáticos e interpretativos do que à falta de observação do micromundo quântico onde o fóton dá tudo que tem para voltar a sua órbita original obedecendo a identidade de um designer inteligente com o fim de compor a luz que se confunde com molécula no sentido de agrupar os elétrons que descem de suas camadas descarregando energia ondulatória de recursos luminosos.

Sua rebeldia nos anteparos devido a transformação de onda em partícula pode vir da resistência da luta de classes marxista sempre frustrada, pois o elétron que conteria onda e partícula ao mesmo tempo nunca poderia permanecer em qualquer camada superior e produzir algo que brilhasse. Ele tem que voltar para o chão da fábrica e alienar-se de sua própria produção, o fóton.

Arquétipo e Hermes, elétrons frustrados, livres apenas nas camadas do macromundo clássico, energias desejam com força marxista camadas mais altas afim de encontrar energia própria para liberar produto que fosse deles.

Acreditando na hermenêutica de Hermes Arquétipo acalentou a esperança de ser a

essência do próprio fóton podendo gerar energia para abastecer elétrons marxistas lutando por classes mais elevadas, mas sempre frustrados pela imposição de um designer inteligente que os faziam voltar para a sua órbita original liberando a energia recebida produzindo fótons representados em ondas através de modelo matemático produzido pela física clássica do macromundo.

Nesta usina de fótons a magia das flechas do Arqueiro misterioso é a luz que ilumina os humanos interpretando as representações arquetípicas de Arquétipo tanto quanto desconstruindo a retórica de Hermes de uma dificuldade que não existe. A realidade dos modelos que são simples linguagens lógicas que

contemplam as propriedades probabilísticas do micromundo quântico para aplicações específicas no mundo dos humanos.

O arqueiro misterioso com suas flechas mágicas fez brilhar as constelações deixando claro que a resolução de problemas é a simples interpretação da linguagem de modelos matemáticos e, por isso não pode ser fracionada com exercícios isolados do contexto da linguagem e esperar que o enredo da narrativa seja compreendido.

Os dardos inflamados do Arquétipo se transformou e uma piada contada sem a lógica final que nos daria a oportunidade de rir. Hermes não quis deixar o parceiro exposto e riu,

mas Arquétipo lhe perguntou do que estava rindo.

O Arqueiro misterioso sabe que não é possível nem através de realidade arquetípica de Arquétipo e nem através de retórica da hermenêutica de Hermes construir um entendimento cuja explicação se ocupe apenas de uma camada do átomo sem que se tenha conhecimento de sua unidade lógica. Não é possível aos humanos compreender tal mensagem, ainda que a comunicação seja justa para ambas as partes, ou seja, Hermes e Arquétipo não conseguem entender a unidade do átomo apenas explicando a camada onde estão, mas os humanos também não entendem o que eles estão falando.

Nem com toda a luz produzida pela magia das flechas do Arqueiro misterioso seria possível entender nem o que é uma variável se ela não for vista dentro de uma fórmula completa. Se um sinal qualquer fosse colocado pelo Arqueiro misterioso entre as constelações reluzentes e Hermes interpretasse-o como uma variável e continuasse explicando para Arquétipo que uma variável serve para qualquer valor, logo Arquétipo perguntaria: “então porque o Arqueiro não colocou logo o valor”?

ESPECTRO, IDENTIDADE E A LUTA CONTINUA

Na impossibilidade de domínio total dos humanos Arquétipo acreditou na possibilidade de dominar os elementos emitindo luz sobre as substâncias gasosas que, apesar de não ser sua própria, imaginava-se que todas elas retornassem uma mesma identidade espectral, mas muito antes de Arquétipo apresentar a realidade arquetípica através dos modelos da física quântica Hermes já havia interpretado com base nas probabilidades que os elétrons de todas as camadas poderiam lutar por classes mais altas e pela não alienação marxista dos fótons, orientados ou no mínimo, induzidos por

Arquétipo para que Fênix fosse, ainda que contra a natureza quântica, observável e, com isso, manipulável, afim de que o designer não se mostrasse tão inteligente assim e sua mística fosse quebrada num feitiço através do corvo de Edgar Allan Poe, (1924) bicando intensamente e constantemente, na porta de entrada da consciência dos humanos afim de que muitos não retornem espectro de energia luminosa autenticada pelo Designer inteligente.

Arquétipo e Hermes logo perceberam que a totalidade dos humanos não poderia ser observável. O poder da visão holística como prerrogativa da física clássica só poderia ser preservada no macromundo clássico. Um dilema de frustração que exige mais modelos

matemáticos com o fim de convencer humanos de uma realidade arquetípica e de uma retórica construída na hermenêutica de Hermes no macromundo clássico que pudessem alienar de vez a ave Fênix da reflexão dos humanos que sempre se valia das evidências quânticas para fazer erguer das cinzas a inteligência de um Designer de tudo o que se observa e também daquilo que não se observa.

Os elétrons marxistas convencidos por Arquétipo e Hermes se engajam na luta por camadas mais altas com o fim de acumularem as energias que recebem em cada camada inferior para saltarem e não apenas poderem sair do chão da fábrica, mas conseguirem chegar nas constelações do Arqueiro Misterioso

brilhando muito mais do que elas. Porém, o brilho que emitiam na produção de fótons nas camadas superiores só fazia-os compreender que o trabalhador é digno apenas do seu salário e imediatamente retornavam as suas posições na linha de produção, cada um alienado do produto de seu trabalho.

As ondas produzidas pelos fótons tinham propriedades que evidenciavam ter muito mais coisas envolvidas na produção da energia luminosa que os tornavam apenas parte desse processo, como crista, vale, frequência, amplitude.

Em algum momento a luta marxista surpreendia nos anteparos, pois esperava-se colher ondas quando ondas eram observadas e

partículas quando partículas eram observadas, mas tanto uma como a outra se modificava pela simples observação, pois os resultados nos anteparos revelavam essa rebeldia.

A hermenêutica de Hermes cuidava logo de construir modelos retóricos com poderosos argumentos de autoridade enquanto Arquétipo construía modelos matemáticos que representassem uma realidade arquetípica para explicar e apresentar uma inteligência clássica que não interpretasse um Designer fazendo Fênix surgir das cinzas novamente.

O Arqueiro misterioso atirava suas flechas mágicas no espaço sideral criando constelações e ampliando a imensidão do universo para que a luz tivesse liberdade para

propagar-se cada vez mais livremente, assim o universo alargava cada vez mais sua generosidade e Fênix novamente era vista lá de cima.

No micromundo quântico as partículas e as ondas contidas nos fótons liberados no retorno ao chão da fábrica eram flechas mágicas do Arqueiro misterioso que faziam os alienados refletirem na dignidade do trabalho e no salário que recebiam por ele.

Hermes e Arquétipo argumentavam e mostravam aos marxistas que se partículas e ondas diferem apenas em resultados observados nos anteparos e, que a partícula da matéria não pode exceder a velocidade da luz pelo simples fato delas se alterarem no mesmo

momento em que são observadas, pois chegam juntas ao anteparo e mesmo a matéria tem comportamento dual, podendo ter um efeito de partícula ou de onda no resultado observado, então eles podem ser tanto empregados de uma fábrica como proprietários dos produtos produzidos nesta fábrica com base na dualidade da matéria.

Essa hermenêutica fez Hermes sair de cena por um longo período para não ter que explicar seu fundamento aos soldados marxistas e até Arquétipo teve dificuldade em construir uma realidade arquetípica para ela, mas trata-se apenas de mais uma interpretação de Hermes que fundamenta a realidade arquetípica de Arquétipo.

A INTENSIDADE MUDA AS PROBABILIDADES

Aumentar a intensidade da frequência para aumentar a probabilidade de um resultado era toda a lógica dos modelos e algoritmos da mecânica quântica que Arquétipo e Hermes aprenderam do micromundo e, por isso Hermes aumentava a retórica da sua hermenêutica enquanto Arquétipo aumentava a aproximação da realidade arquetípica da realidade desejada pelos humanos induzindo-os ao aumento da frequência de negação da inteligência de um Designer.

Muitas eram as estratégias utilizadas por Arquétipo e Hermes com o fim de atrair os

humanos para as suas armadilhas arquetípicas e hermenêuticas, contudo, a maior delas foi utilizar a lei da gravidade e assim como a geometria do espaço faz para atrair corpos de massa menores para a órbita dos corpos de massa maiores.

Hermes e Arquétipo entenderam que se a gravidade era feita de simples geometria envolvendo massa, então o micromundo quântico não poderia viver em liberdade no macromundo clássico, pois as massas extremamente maiores dos corpos deste último provocariam deformações no espaço extremamente profundas para as partículas quânticas que se tornariam escravas de suas órbitas e/ou gravidades.

Os humanos fortemente habituados por uma alta frequência de retóricas e realidades arquetípicas observadas se tornaram massas extremamente menores no poder de escolha e, com isso ficaram escravos da órbita de Arquétipo que apresentou uma realidade arquetípica de massa muito maior e de Hermes que interpretou como impossível aos humanos escaparem da deformação espacial estes últimos provocaram.

Assim, o aumento das dificuldades com interpretação de texto e resolução de problemas matemáticos foram observadas nas avaliações externas por diversos motivos, mas o problema psicopedagógico ficou evidente. Os humanos escravos desta órbita se tornaram

dependentes de soluções que equilibrem novamente a tríade (afetividade, motricidade e cognição) (Silva, 2020), afim de escolherem olhar para cima e observar o brilho das constelações pela magia das flechas do Arqueiro misterioso. O mesquinho ladrilhar de Vieira, (1984) oferecido por Arquétipo e Hermes no macromundo clássico não pode construir integralmente o ser cognoscente (o ser que aprende). As emoções precisam aprender a rejeitar a crença naquilo que se pode perceber numa condição de decepção e potencializar aquilo que se pode perceber numa condição de vitória.

POSSÍVEL E IMPOSSÍVEL NA PRÁTICA

Arquétipo e Hermes procuravam sempre os lugares mais aparentes a fim de potencializarem o poder de seus dardos inflamados e atingirem o máximo de humanos que conseguissem.

Vamos abrir um parênteses nas pretensões de Arquétipo e de Hermes para retornar ao micromundo quântico que contém os pacotes de quantidade dos átomos. Estes são classificados através de uma tabela periódica que utiliza suas propriedades para caracterizar uma identidade para cada um deles. A quantidade de prótons que é composta de

partículas de carga positiva e a quantidade de neutros que é composta de partículas de carga neutra formam a sua massa. Os elétrons que são partículas de carga negativa são tão leves e insignificantes que não fazem diferença significativa na composição da massa dos elementos da referida tabela. Estes componentes, ou átomos, formam moléculas e as moléculas formam toda a matéria existente, cada uma com sua identidade de composição única de átomos.

Retornando ao pretencioso desejo de Arquétipo e Hermes para compará-los com o comportamento dos átomos, poderíamos dizer que eles, provavelmente, fossem constituídos com uma quantidade maior de prótons pelo

poder a ele concedido e uma quantidade maior de elétrons pela luz que emitiam nos dardos incandescentes que emitiam o que pode parecer que a luminosa estivesse neles como atributos quânticos deles, contudo, a natureza deles é clássica, mas assim como toda a matéria eles eram composto por partículas e ondas, átomos e moléculas que são atributos do micromundo quântico que concede aos seres racionais do macromundo clássico o livre-arbítrio para escolherem utilizar seus talentos e dons da forma que quiserem, assim como se querem olhar para baixo para derramar suas lágrimas de amargura e decepção ou olhar para cima em busca do brilho das constelações que

os farão descobrir novos poderes adquiridos justamente na amargura e na decepção.

O Arqueiro misterioso pode significar um novo elemento, um que não existe na tabela periódica, um que os seres pertencentes ao macromundo clássico não podem sequer observar a não ser através da magia que produz. Sua onipresença pode vir de uma quantidade infinita de prótons guardados no núcleo que sustenta uma movimentação de elétrons entre órbitas infinitas produzindo uma luz inacessível ao macromundo clássico. A quantidade infinita de nêutrons impossível de estar contida em pacotes quânticos, seria a força da imparcialidade que não considera os

erros dos humanos. Sua massa é do tamanho do universo, pois compõe tudo que existe.

FUSÃO E FISSÃO APENAS NA INTENÇÃO

Uma das muitas flechas do Arqueiro misterioso possuía a magia de criar um portal para unir os mundos, era uma flecha com poder especial, pois fazia o impossível se tornar possível assim como a fusão de partículas no micromundo quântico. Tal fusão depende de uma temperatura de bilhões de graus celsius para aceleração de partículas da mesma ordem, de cargas iguais e do núcleo, portanto dos prótons, a fim de que um novo elemento seja produzido. Arquétipo e Hermes atuavam como elementos fundidos na intenção de fazer mal aos humanos, contudo assim como todos os

elementos só podem existir a partir de um núcleo, a fusão só pode ser dos prótons, mas a carga positiva de ambos eram bem reduzidas e com o tempo se extinguiria, pois nada no macromundo clássico possui imortalidade, porém eles tentavam unir seus dardos inflamados através de ligações iônicas e covalentes com propósitos bastante definidos.

Era difícil para a natureza egoísta deles ceder um elétron, quanto mais um par deles, ainda que isso criasse a possibilidade de se tornarem positivamente socializados. Como a natureza do mal nunca quer se colocar em posição de desvantagem, nem Arquétipo e nem Hermes queriam se transformar em ânion

recebendo elétrons ou cargas negativas um do outro.

Essa relação conflitante encarada com muito eufemismo através de função conativa da linguagem, nada sincera, estabelecia a base de uma comunicação pouco promissora. Um referia-se as propriedades luminosas dos dardos um do outro dizendo: “bem que sua luz poderia brilhar um pouco mais, né?”, contudo, sempre valorizando o interlocutor para garantir a sua atenção. Uma relação de poder e política sem nenhuma nobreza de caráter, mas com muita possibilidade de potencializarem o mal que havia neles.

O Arqueiro misterioso não podia participar dessas ligações, pois assim como a

vida e a morte são realidades que jamais poderiam fundir-se, considerando a lógica mais básica da existência: a primeira faz existir e a segunda faz não existir. Portanto, o quântico e o clássico jamais poderiam relacionarem-se entre si e/ou socializarem-se.

A solução para resolução de problemas clássicos é a própria quântica e, as causas desta última serão sempre modificadas na observação de forma que os resultados da atuação psicopedagógica para a solução do baixo rendimento nas avaliações externas em relação à leitura e interpretação de textos e resolução de problemas matemáticos se apresentarão sempre alterados nos anteparos.

O Arqueiro misterioso estaria mais próximo da realidade da fissão que é uma teoria ainda mais distante da realidade, pois é mais fácil quebrar um núcleo do que fundir dois. Quebrá-lo envolve liberação de potência negativa de muita grandeza causando uma temperatura radioativa gerando muita destruição e isso só nos dá a certeza de que o núcleo deve permanecer onde e como está.

HARBÍTRIO E PROBABILIDADES QUÂNTICAS

Arquétipo e Hermes se transformaram em experimentos observáveis aos humanos desde as causas até aos resultados, nada se modificou pela observação. O padrão de maldade é o mesmo desde o princípio. A metamorfose da ciência que se transformou em cientificismo e voou para o mundo da pauliceia desvairada de Mario de Andrade (1987), contudo, sempre estabelecida com nobreza na retórica da hermenêutica do deus grego se tornou confusa nas suas próprias causas e efeitos.

A natureza dos humanos prevê seus comportamentos naturalmente através de sua

intuição e não através de cálculos probabilísticos cujo objeto passa a ser sujeito com vida própria, dando aos observadores a impressão de movimentação em pacotes quantificados, que não conhecem proporção diferente do percentual de 100, também conhecidos como partículas absolutas.

A intuição é clássica, a probabilidade é uma visão clássica da quântica, mas a ideia de verdade é absoluta e não pertence ao macromundo clássico. A verdade pode ser relativizada através da intuição humana e da probabilidade contida na observação clássica das partículas e ondas no mundo quântico, mas é absoluta na manutenção que a quântica faz ao clássico.

Arquétipo e Hermes conseguem resultados desvairados através de suas intuições, O Arqueiro misterioso representado através de tudo que compõe faz sempre ressurgir a ave Fênix e o Designer inteligente é sempre isento de desvario.

A vida não pode ser meia vida mesmo que quisesse, como por exemplo: a luz de uma lâmpada não pode ser meia desligada ou meia controlada pelo plugue do fio na tomada. São resultados que possuem os valores de existir ou de não existir, apenas, são pacotes quânticos ou de quantidades absolutas, portanto não existe relatividade nem intuição para estes pacotes.

Arquétipo e Hermes foram criados com valores relativos e, portanto, intuitivos, mas

não sem rumo. As escolhas que fazem determinam a direção de suas intenções.

A ave Fênix tem o seu poder de renascer das cinzas fundamentado numa narrativa verossímil de ser absoluta e ter vida em si mesma e, por isso, ela se constitui em um bom exemplo para representar por contradição a Arquétipo e Hermes e por comparação o Arqueiro misterioso. Os humanos os observam tanto pela intuição como pelos resultados de suas ações.

A ideia na física quântica de que partículas podem surgir do nada apresenta uma de suas maiores lacunas que é: “Esse nada pode ser calculado na mecânica quântica como

inexistente”? Se não, então, esse nada só pode ser tudo.

A mecânica da massa dos elétrons marxistas alienados de seus fótons chocando com a minúscula massa dos próprios fótons que produziram ora impulsionados pela observação é a teoria que fundamenta sua alteração entre o que ele é onde está de fato o que se pode observar dele de fato.

Essa condição só pode sugerir uma probabilidade de resultados não observáveis e, portanto, que só pode ter seus feitos e/ou resultados previstos através de cálculos matemáticos, que é a mecânica quântica representada para fins de aplicações práticas no macromundo onde a física clássica têm o

objetivo de fazer surtir efeito certo a partir da previsibilidade das probabilidades, o que vale dizer que os cientistas através da mecânica quântica não passam a controlar a ciência, mas apenas prever meios de aproveitar os seus benefícios.

O maior de todos os seus benefícios é a possibilidade de aprender a interpretar e resolver os problemas da vida com o fim de melhorá-la cada vez mais e não de complicá-la com realidades arquetípicas desmotivadoras ou interpretações que gerem dificuldades inexistentes.

Arquétipo e Hermes podem ser realidades de danos psicomotores reparáveis, assim como o Arqueiro misterioso podem ser realidades de

soluções psicopedagógicas para a reparação psicomotora. Tudo depende das escolhas dos humanos.



REFERENCIAS

- Altmicks, A. H. (2014). Principais paradigmas da pesquisa em educação realizada no Brasil. *Revista Contrapontos*, 14(2), 384. <https://doi.org/10.14210/contrapontos.v14n2.p384-397>
- Andrade, M. de. (1987). *Paulicéia desvairada* (Itatiaia (ed.)).
- Bakhtin, M. M. (1997). *Estetica da criação verbal* (2a ed.). Martins Fontes (Coleção Ensino Superior), Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1223>
- Barbosa, J. P. (2006). *Sequência didática artigo de opinião*. Secretaria de educação de São Paulo.
- Chomsky, N. (1968). *Language and Mind*. Harcourt, Brace & World.
- Gardner, H. (2005). *Las cinco mentes del futuro*. Paidós Ibérica S.A. <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmxyZWVzY29sYXJjYW18Z3g6OTk2NDAYWE2OTM3YWZm>
- Kant, I. (2007). *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (1a ed.). Edições 70, Lda.
- Poe, E. A. (1924). *O Corvo*. Trad. Fernando Pessoa.
- Rowling, J. K. . (2000). *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaba*. Rocco.
- Silva, M. L. (2020). *Emoções cognoscentes* (1a ed.). Editora Appris.
- Silva, M. L., & Durão, M. C. M. (2021). Paradigma do arquétipo de Jung. *Revista Científica ACERTTE - ISSN 2763-8928*, 1(3), e1321. <https://doi.org/10.47820/acertte.v1i3.21>
- Vieira, P. A. (1984). *Sermões*. Editora Três.